

SEMANARIO HUMORISTICO

PERLA

Luiz Caldas

Direcção literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



UM JOGO ENCOBERTO...



Ou ... as "camionetes,, mistério

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

PLANO GERAL

— DO —

GRANDE CONCURSO

PIM-PAM-PUM

Na nossa última página está gravada uma autêntica **BARRACA DE FANTOCHES**, com 26 bonecos, todos diferentes.

Semanalmente, serão atirados **CINCO BONECOS** abaixo. Para isso serão fornecidas aos concorrentes as seguintes bolas.

Na 1. ^a Semana	9	bolas
» 2. ^a »	8	»
» 3. ^a »	7	»
» 4. ^a »	6	»
» 5. ^a »	5	»

Ficarão portanto a favor do concorrente 10 bolas, porque entre os 26 bonecos há um, a que daremos o nome de **Sempre-em-Pé** que não deverá cair.

O concorrente que o tomar, recuará **um ponto** na classificação que lhe irá sendo atribuída da seguinte forma:

1 PONTO por cada boneco em que acerte.

Para controlar os **mortos** da semana, estarão afixados nas **Montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto**, desde o início do concurso, cinco envelopes, que serão abertos tódas as 6.^{as} feiras seguintes, correspondendo cada um a cada semana do concurso.

Independentemente a **MARIA RITA** publicará a lista dos pontos obtidos por cada um dos concorrentes e a barraca com os bonecos atirados a baixo.

Só no último envelope aparecerá o **Sempre-em-Pé**; e por êle poderão os concorrentes fiscalizar se os pontos que lhes forem arbitrados estarão certos.

Graça — Distracção — Maçaroca

O que é preciso é

SORTE E BOA PONTARIA

Experimentem a sua mão certa

Vá lá ver a sua sorte!...

N. B. — Este concurso poderá ser iniciado depois da primeira semana. Para isto, bastará ao concorrente remeter as **barracas** publicadas desde o início e ser-lhe-ão marcados os seguintes pontos:

1 semana de atraso	=	2 pontos
2 » » »	=	4 »
3 » » »	=	6 »
4 » » »	=	9 »

Desta maneira, e sem que sejam prejudicados os que jogam desde o início, toda a gente poderá concorrer ao nosso grandioso concurso nacional de

PIM-PAM-PUM

Lista de Prémios

1 prémio de 500 Escudos ao concorrente que totalize os **25 pontos**.

3 prémios de 200 Escudos aos concorrentes que alcancem mais de **22 pontos**.

5 prémios de 50 Escudos aos concorrentes que alcancem mais de **20 pontos**.

5 prémios de 5 garrações de vinho cada **IDEAL DO LAVRADOR**, aos concorrentes que em todo concurso não atirem abaixo o **Sempre-em-Pé**, seja qual fôr o número de pontos alcançado.

200 prémios do valor de **10 Escudos** cada aos concorrentes que alcancem mais de **15 pontos**.

Total: cerca de **4.000\$00 Escudos**

Concorrer ao **PIM-PAM-PUM** é ter a certeza de ganhar alguma coisa



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Pensamentos de um maduro:

Porque será que às direcções das Irmandades, Ordens e Confrarias se chama Mesas?

Se calhar, é porque há lá dentro muito que comer.

Afinal, é uma questão de chamadioiro. Tanto podia uma de essas comissões administrativas denominar-se Mesa como Cama. Mesa, porém, é mais apropriado. Para cama, bastam os jazigos dos respectivos cemitérios, mesmo quando se quer dormir acompanhado.

É curioso também notar que o maioral, em vez de presidente, se chama Prior. Porquê? Porque tem a prioridade, tanto na Mesa como no leito. *Droit de cuissage e droit d'assiette.*

Se por fraternidade se entende tratar bem os irmãos, devemos confessar que esse vocábulo é uma palavra vã.

Há muitas maneiras de ser honrado, visto que a honorabilidade sofre diversíssimas gradações. Em cima, a honorabilidade inteiriça, rectilínea, de uma só peça. No fundo da escala, a honorabilidade acomodaticia, maleável, sinuosa como uma estrada de montanha. A primeira foi definida pela divisa de Bayard: *sans peur et sans reproche*. A segunda foi sintetizada por Figaro: *Sa-probité est tout juste autant qu'il en faut pour n'être point pendu*. Abaixo de isto, é certo, ainda existe gente honrada. Mas a essa definiu-a Zola: *Les honnêtes gens! quelle canaille!*

Conhecem-se várias formas de tirar nódoas, porque são muitos os produtos destinados a esse fim: o sabão, a benzina, o alcool abso-

luto, os panegíricos da imprensa, as confissões da quaresma, etc. Com o avanço da ciência, quem actualmente contrair quaisquer espécies de manchas, tem ao seu alcance muitos detergentes. Tal como as hetaíras e os tecidos impermeáveis: depois de lavados, ficam como novos. E ainda bem, visto que a lepra moral não é contagiosa, e todos os cidadãos teem direito à vida. Já Guerra Junqueiro registava que em Portugal não se inutiliza ninguém, mesmo que lhe passem por cima um cilindro de estrada.

Os "Lusíadas,, ilustrados

V

JÚLIO RIBEIRO



...risonha vista e ledo aspecto.

Canto 2.º — LXXXVI.

Incúria, desleixo, desmazêlo, descuido, negligência, serão termos sinónimos?

Eram, antigamente. Mas os gramáticos modernos *ont changé tout cela*. Hoje desleixado quer dizer cuidadoso, e só pode chamar-se desmazelado a quem não tiver mazelas.

Camões tinha o juízo a arder quando escreveu estes versos:

«Que o bom religioso verdadeiro
Glória vã não pretende, nem dinheiro».

Realizou-se o baptizado do herdeiro do trono francês, príncipe Henrique de Guise. Depois da cerimónia, o avô paterno esfregou os lábios da criança com um dente de alho, e em seguida com vinho de Jurançon.

Um Guise assim preparado deve dar um bom guisado de vinha de alhos.

A propósito de esta festa familiar, conta A Voz o seguinte:

«Quando Henrique de Navarra, o futuro Henrique IV, estava para nascer, o avô Henrique d'Albret mostrou à filha uma caixa de ouro com chave também de ouro e prometeu-lha, mas com esta condição: — durante o nascimento do filho havia de cantar ela uma canção popular.

«Joana d'Albret assim o prometeu — e cumpriu-o.»

Exactamente ao invés da consabida fábula. Nesta, a formiga disse para a cigarra: — «Cantaste? Pois dança agora». Na anedota da princesa de Navarra foi o contrário:

— Dançaste? Pois canta agora!

Marcial Jordão.



Balancete da semana

Temos de concordar
que são belos, muitíssimo elegantes,
esses carros de bois — mais de um milhar —
pelo Pôrto a rodar,
causando a admiração dos viajantes:
exposição de chifres que a cidade
faz a todo o momento,
tão largos e em tamanha quantidade
que chegam a impedir o movimento.
Vão despejando, no desfile, palha
e abundante excremento
— original toalha
que ao pôr do sol se estende de S. Bento
à Boavista, Alfândega e Batalha.
A segunda cidade portuguesa,
como Tebas num tempo que se foi,
põe acima do culto da limpeza
o culto pelo boi...

Queixam-se os viajantes
dos combóios-mistério
de que não são o que já foram de antes
e usam outro critério;
que os trataram, na mesa, a bacalhau
e farinha de pau...
Mas o que importa a mesa,
almoços ou jantares?
Quem vai para admirar a natureza
não vai para comer belos manjares.
Quem come são os olhos.
No vale ou das montanhas no sopé,
é deslocado o caviar e os molhos
da *Boite des Gourmets*.
Quem vai ver novas terras, tira a prova
ao rico bacalhau, que é Terra Nova.
Ponham ponto, portanto, ao império
e ao despeito mesquinho.
Um combóio, a-pesar-de ser mistério,
não é o *Escondidinho!*

Encontrei-o prostrado
na rua, à meia noite,
num sobretudo velho rebuçado,
do vento sob o açoite.
Supus que se tratasse dum doente,
mas reconheci logo, felizmente,
que assim não era, pois
o que êle tinha era a cabeça à roda,
e em vez de um candieiro, via dois.
Se tomasse amoníaco, uma soda,
ficaria mais forte que os herdis.
— «Li num jornal — disse êle — que se a gente
bebesse cada dia unicamente
um cálice do Pôrto, era uma vez
a crise. E como estimo a pátria amada,
eu resolvi beber de uma assentada
os trinta que me tocam êste mês».

Turiddu.

A volta de Pontevedra

Como tôda a gente sabe, a volta de Pontevedra foi cheia de desgostos para os portugueses. Não houve nenhum corredor, nosso representante velocipedico, que *voltasse* satisfeito.

Nada dizemos sobre a organização da volta, nem é nosso propósito pôr-nos para aqui a dizer que um 10.º lugar é uma coisa que honre o nosso desporto, como dizem os *Sports* e *Diário de Notícias*. Mas o que nos compete dizer e temos o dever de verberar é a falta de tino dos dirigentes do pedal em andamento.

Pois admite-se lá que estando em Espanha como está, um vulcão contra as coisas religiosas, seja o nosso representante o santíssimo Trindade?

De Poleiro

Não sabemos se viram nos jornais diários... Se não viram, fiquem sabendo que o nosso director José de Artimanhão foi nomeado Presidente da Direcção do Orfeão Lusitano.

O facto em si nada tem de notável visto que a falta de gente é manifestíssima.

O que importa saber, porém, é que a partir de hoje em diante passa a cantoria de poleiro.

De oravante todos os assuntos da casa terão de ser tratados sem fusamente.

E' que agora a música vai ser outra.

A Conferência Económica

Se V. Ex.^{as} se derem ao cuidado de folhear a MARIA RITA de há um mês terão ocasião de separar que ela é um verdadeiro Rabestana. Ela que disse imeditamente que a Conferência tinha nascido morta, e que no final de conta os gastos acarretados eram suficientes para salvar meia dúzia de nações.

E assim foi, graças a Deus! Se não já estávamos todos perdidos com tanta salvação.

Não passou de uma conferência médica, daquelas que se fazem quando o doente já está tão malzinho que só um milagre o salvará.

Nesses casos quem paga à junta é a família.

Aqui quem tem de pagar somos nós todos, e a época dos milagres acontece cada vez mais arredada de nós!...

PROJEÇÕES DE BRAGA

Epidemias e seus inconvenientes — Imprensa de vestes negras — Forno crematório

A cidade das frigideiras, onde a vida futebolística constitui só por si um perigo iminente digno de respeito, uns meses atrás viu-se súbitamente assolada pela varíola, o que traria certamente conseqüências verdadeiramente funestas se essa doença deixasse merecer a atenção geral e providências energicas se fizessem demorar.

Por felicidade a epidémica variola embora com custo e depois de vacinada a maioria da população, morosamente foi-se extinguindo, não sem deixar inapagáveis vestígios e a despeito da mania do pontapé há que encolher os membros à sua propagação por se considerar — enfermidade crónica. —

Vivia-se assim quando um novo flagelo surgiu, que a-pesar-de atacar de preferência as crianças, em nada se assemelha às doenças que lhe são mais propicias, tais como por exemplo, o sarampo, embora os primeiros e principais sintomas se verifiquem também *garganta*.

Principiou a propagar-se esta enfermidade de duvidosa origem, não sabemos, se por hereditariedade ou contágio, mas ao seu desenvolvimento não deve ser estranho o uso e abuso dum aromático café fornecido por uma Brasileira que nada tem de velha, e, talvez ainda, devido à aproximação demasiada de pessoas verdadeiramente inconfundíveis nas suas internas *vestes*, para uso *interno*.

Grassa com regular intensidade a doença em questão, apresentando manifestações de *formigueiro*, ignoramos em que parte do corpo, mas que os contaminados muito bem devem saber explicar, e, por vezes, de formigueiro passa a uma relativa *fúria* com grave risco dos cidadãos pacatos que em nada podem intermediar os padecimentos alheios.

Sabemos que um sossegado moço, há dias, foi vítima dum *acesso* que se manifestou num enfermo de semelhante natureza e que para lhe *acalmar a crise* viu forçado a abdicar da sua natural saude, aplicando no padecente o re-

médio mais eficaz que tinha à mão, do que resultou um mais desenvolvido formigueiro no dia seguinte, felizmente com conseqüências apenas extremamente ridículas.

Para semelhante epidemia não haverá por acaso uma vacina especial embora aplicada com *agulha grossa*??

Jornais há que pelo seu faciosismo chegam a causar *arrepios na espinha*.

Um dia destes, um amigo nosso publicou um volumezito em verso — coisa de pouco ou nenhum valor, seguindo a sua afirmação — e, gostando de ouvir a crítica braguesa, enviou um exemplar ao *Diário do Minho*, por mão própria.

Este periódico que é conhecido em Braga pela *selecção preciosa dos seus colaboradores* não se dignou fazer a mínima referência e segundo opinião do nosso amigo escritor, jamais a fará.

Para que o *Diário do Minho* dissesse coisas e loisas sobre o livrinho, necessário se tornava que o autor fôsse do mesmo colorido ou possuísse coroa.

Como tal não sucede... vá de calar. A imprensa de Braga é assim mesmo; nulidade e faciosismo.

Felizmente o Diário dos Padres & C.^a ilimitada não é bem visto por todos, o que ainda há dias foi comprovado num episódio sucedido no Teatro Circo.

Após o documentário surgiu no écran um reclamo às *formidáveis qualidades* do Diário em referência: Secções de arte, Literatura, Ciências, Filosofias... o diabo.

Aproveitou simplesmente uma tremendíssima pateada.

Continua entre nós o *Forno Crematório* do *Diário de Notícias*.

De quando em vez uma sessãozinha de cinema mudo com uma assistência sonora.

As fitas são sempre as mesmas, tanto as que passam no écran como as feitas pelos espectadores.

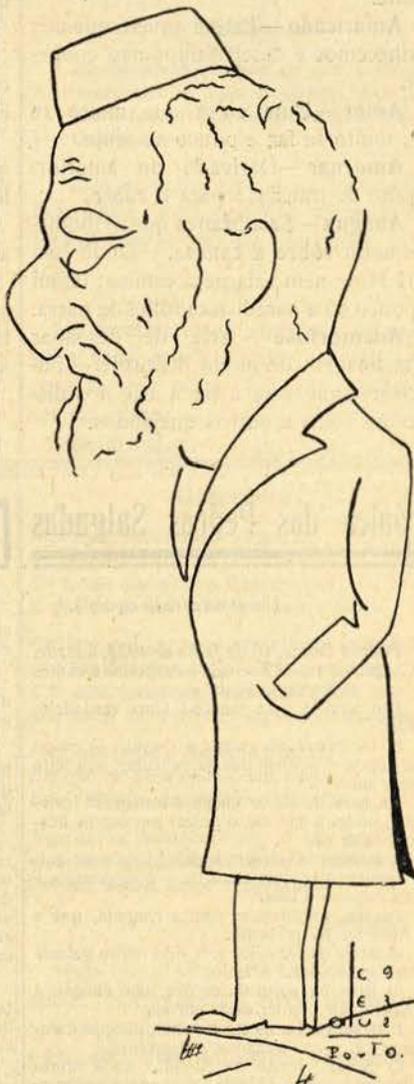
Não é de pasmar. Em Braga há tanto *ciné filo*!!!

Reporters Unidos.

PERFIS DO PORTO

XLVII

DR. PAULO FERREIRA



Professor de desenho da Faculdade de Ciências; um bom modelo para o caricaturista

calçado de fama

Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

O NOVO DICIONÁRIO DA ACADEMIA

(Continuação)

A.

Alpaca—Ruminante da fam. dos caméleões.—Empregado público é o *manga d'alpaca*: passa a vida a ruminar e não faz nada.

Alteza—Palavra que voltou à significação primitiva: tôdas as testas coroadas estão hoje completamente *tezas* (sem vintém).

Amarelecer—Ensolteirar femininamente.

Americado—Este e aquele que nós conhecemos e desejaríamos não conhecer.

Amor—Uma coisa que muito se diz, muito se faz e pouco se sente.

Amornar—Derivado do anterior. Estado de transição para o *rubro*.

Anágua—Saia branca que as mulheres usam sobre a camisa.—Onde isso vai! Hoje nem saia nem camisa: daqui a pouco só a paradisíaca fôlha de parra.

Anamorfose—Arte de desenhar uma imagem de modo disforme.—Futurismo, que vem a ser a arte dos disformes Toms e outros quejandos.

Anónimo—A carta anónima é o grande divertimento desta aldeia de Paio Pires onde ninguém tem uma vida interessante visto que tanto se preocupa com a dos outros.

Antenas—As mais espalhadas são as invisíveis, aquelas que fizeram dizer à tal dama que acabou de enganar o marido e que lhe diz, passando-lhe a mão pela testa:

—Mentiroso! A dizeses que se conhecia!...

Apalpã—Instituição nacional.

Apoiado—Interjeição com que se cortam discursos a ver se o orador se engasga e acaba de-pressa.

Aporrinhar—Afligir. Acto que, quando praticado por crédores, da vontade de lhes mandar conjugar este verbo.

Aranha—Andar às aranhas significa: andar desnordeado—ou desorientado.

Assalado—Combate simulado em esgrima.—Cá fora não é nada simulado: é cada ataque às coroas do próximo!...

(Continua).

Dr. Sabe-Nada.

Crónica das Pedras Salgadas

(Do nosso enviado especial).

Pedras Doces, 16 de Julho de 1933, à tarde.—Chegamos a esta Estância de repouso e vamos dar nota do que aqui se passa.

Isto aqui é uma família! Uma verdadeira família.

Só se pensa em comer e dormir. O amigo José Lopes, o homem das gargalhadas, tem feito grande successo.

Na hora de jantar chega a transpirar fortemente, só para não dar o prazer aos outros hóspedes de se rir.

E a comer! Isso nem se fala! Costuma sempre encomendar dois almoços—dois jantares e nunca esquece a ceia.

De dia, entretem-se com a chupeta, que a D. Alice lhe fêz presente.

A jerica da D. Alice tem sido muito gabada por ter ganho o 1.º prémio.

O Riso na sorte da escôva, não chegou a dar sorte, por não ter dado por ela.

E o amigo Lucas no assobio, chegou a encavacar? E' o que andamos a descobrir.

O Santos, irmão da Alicinha anda muito preocupado com o «Unic», pois ainda não conseguiu, pô-lo em movimento.

O General é um alho para o «Maxime». O prazer dêle é dançar, dançar e nunca parar!

Os desafios de «malha» tem sido renhidos. O amigo Lucas só tem levado capotes e agora anda a ver se arranja uma gabardine!

Quem é a menina que deixou... saudades no Brasil?

Será a D. Stella Telles? Não será? Eis a questão!

Que a D. Alice já tem debaixo de ôlho... Oi, não digo! Ela sabe.

Garganta de Prata.

Posta restante

Fernando Rebelo—Muito bem! E ficamos esperando que não será a última vez que nos visite.

M. de Lima Reis—Gratíssimos minha senhora! Prometemos solenemente continuar a merecer-lhe as boas referências de agora.

Osório—Avança—Não percebemos muito bem o que quer. Se fôr mais explícito um bocadinho (ponha nomes que nós os encobriremos) teremos muito gosto em dar a ferroada.

Alberto Henriques da Silva—Vamos tentar responder à sua pergunta: A MARIA RITA tem hoje, fora as cartas do Pim-Pam-Pum, uma média de recepção de 350 cartas semanais. São tôdas ou quasi tôdas de colaboradores. Colocamos ainda fora de este número os colaboradores da casa.

Vermelhinha—Não podemos explicar o facto, e temos pena, porque não é uso cá em casa desconsiderar ninguém. Não seria a quadra da côr do seu pseudónimo?

Zé Liró—Vizeu—Sim senhor. Queira mandar tôdas as semanas. Abriremos o cantinho sobre a denominação: *Excavações na Cava do Virtado*.

Hô Rei Artur I—Obrigados pelas belíssimas palavras. Mas, diremos que há da sua parte pouco cuidado na metrificação. Mande, porém o que quiser e desculpe se lhe modificarmos qualquer coisa.

Admirador e Assinante—Guimarães—Gratos pelo recorte e pelas referências que faz ao nosso *Descanso Semanal*. E' pena que a MARIA RITA tenha só 16 páginas! Ele há tanta asneira por êsse Portugal fora!...

O nosso próximo folhetim

O Mistério da Rua de Entreparedes

ficou no silêncio nos nossos dois últimos números. Outro mistério? Sim e não. Sim, para os nossos leitores; não, para nós. Não tornamos a falar em

O Mistério da Rua de Entreparedes

porque tendo o seu autor embarcado no paquete de Castelo de Paiva para dirigir pesquisas que se relacionam com a sua monumental obra, deixou-nos desprevenidos para os esclarecimentos que a natural ansiedade dos nossos leitores espera sôbre

O Mistério da Rua de Entreparedes

Oh! Mas em matéria de mistérios tôda a prudência é pouca! Não acalmaremos ainda hoje aquela pública ansiedade, não satisfaremos ainda hoje a universal curiosidade que

O Mistério da Rua de Entreparedes

está provocando, porque é necessário não prejudicar a acção dos trinte-e-sete *detectives* que desde S. Cosme até à... Galiza andam empenhados em descobrir todos os fios da emmanhada trama que forma

O Mistério da Rua de Entreparedes

e que o nosso tremendo folhetim porá a nu, contra todos os decretos e preconceitos... anti-nudistas.

Mas sossegai, ó almas ansiosas, ó peitos ofegantes que um mistério põe sempre em sobresalto! Dentro em pouco sereis satisfeitos!

Luz! Verdade! Moralidade!

...e Frescura! Serão os inspiradores da portentosa obra

O Mistério da Rua de Entreparedes

Pergunta a prémio

Recebemos até agora 26 listas de palavras que se podem formar com as letras que damos.

Não podemos por agora dar o resultado melhor, em virtude do excessivo trabalho de apuramento a que isto obriga. Logo que o tenhamos terminado, diremos o que fôr de justiça.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO —

•
todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcelível

•
AUX GALERIES LAFAYETTE

GANDHI



O condutor da opinião pública indú, que, quando não tem que fazer, fia na roca... e jejua.

HITLER, o alto e magnífico ditador, depois de ter dado a comer aos seus partidários todos os judeus em idade mastigável, entrou de devorar os comunistas. Terminado êste segundo prato, passou a deglutir o partido conservador, alijando pela borda fora, destinado às guelas dos tubarões seus correligionários, o respectivo chefe, que o auxiliara na conquista do poder. Depois do que, para nem êle nem os seus nazis ficarem inactivos, atirou-se aos católicos, fabricando assim um delicioso *hors-d'œuvre* político. A estes, não os comeu: bebeu-os, por saber que são solúveis. Uma vez dissolvido o partido, com o respectivo centro, Hitler mandou-o servir em taças como Velho-Reno de nova espécie. Em seguida, já fatigado de ingenir, se bem que não saciado, voltou-se para os seus adeptos e proferiu, líricamente:

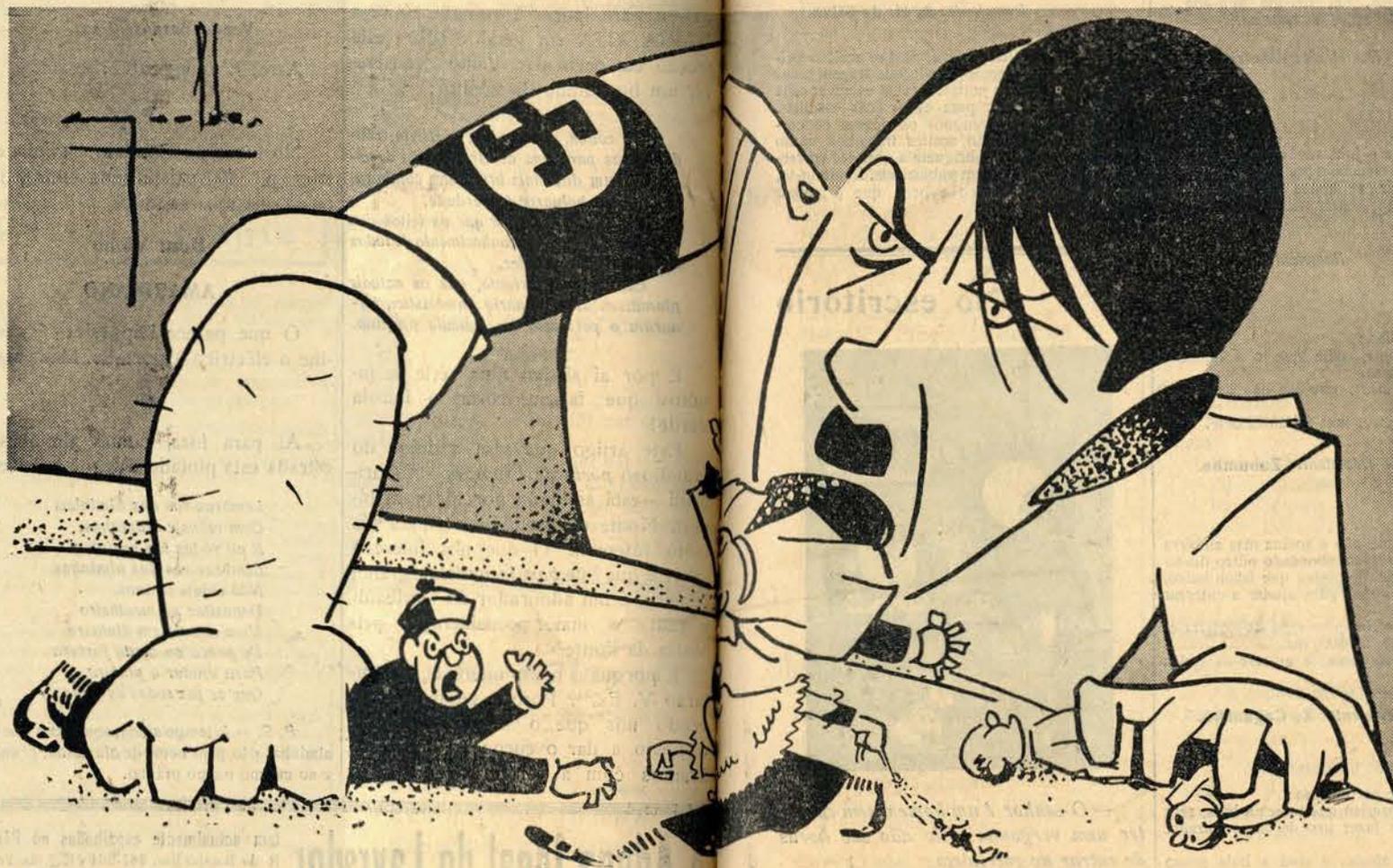
— Enfim, sós!

Só falta, agora, que comecem a comer-se uns aos outros. Porque o general Hindenburg, com mais de oitenta anos, — já não há dente humano que entre com êle.

Se um dia fôr govêrno o sr. Rolão Prêto — o nosso Hitler, que servilmente imita os gestos, as frases, os actos... e o bigode do outro — ficam os católicos portugueses sabendo o destino que os aguarda. Tanto isto é assim que

álhos à mesa dum hereje. Não sofre dúvida que não existem alhos como êles e que há vinho em abundância em louvôr e honra do ditador germânico.

E' que não é nada agradável, para a gente apostólico-romana, ser comida, — ela que tão solertemente usa comer os outros. E menos agradável será, mesmo para nós, os indiferentes, vermos, por exemplo, os senhores Torcatos da rua Chã servidos de vinhos e sua companhia. No entanto, provoca sempre comiseração vermos desapare-



já as *Novidades* e a *Voz* desceram uma oitava na entusiástica sinfonia que diariamente costumavam executar em

cer assim, em pleno vigor juvenil, tão ilustres cavalheiros no bandulho de um ogre. Antes fôsse no de uma baleia,

A sorte dos partidários de Roma

O que espera os colicos portugueses

simpático cetáceo que sofre de frequentes indigestões e vomita por vezes, intactas e completas, as pessoas que estão de bem com o céu, como aconteceu ao célebre Jonas.

E' certo que ainda temos uma esperança: que o sr. Rolão tenha alguns dentes cariados, e os senhores Torcatos, dada a exiguidade da estatura, fiquem cada um dentro de sua cova. Se assim fôr, fazemos votos por que sobre ainda uma cavidade... para o sr. dr. Pinheiro Tôrres e o seu inseparável monóculo.

o futuro ditador o mande cortar em tiras, meter em salmoura, e servi-lo depois em fatias.

Quanto ao sr. Fernando de Sousa, após ter sido largamente esfregado com limão, para lhe tirar o gôsto a raposa, será triturado e argamassado em croquetes, a-pesar-dos protestos do sr. Eduardo Plácido, a quem o ilustre engenheiro-jornalista faz uma falta insubstituível.

Por seu lado, o sr. Quirino de Jesus, que, como a carne de porco, salvo seja, só serve para dar gôsto à



O Inspirado autor do one-step MARIA RITA. Cá em casa tem sido uma borga. O Cruz Caldas até já dança num pé só. Quem comprar o one-step MARIA RITA, nunca mais pára de dançar. A letra, que é interessante, é da autoria do sr. José Soares da Silva.

dr. Sebastião de Vasconcelos fornecerá as almôndegas. O sr. dr. Rodrigues de Carvalho, que tanto tem sido consumido pelas suas ideias realistas, o *consommé à la Royale*. O sr. Rafael dos Santos dará o *roast-beef*, rodeado de pimentos *morrões*. O sr. Borges Manta será servido à guisa de peru trufado. E na confecção dos molhos entrará o reverendo Nestor, abade de Massarelos, que já veio ao mundo cheio de sal e pimenta.

Será um banquete pantagruélico e uma hecatombe colossal. Depois do que, para fazer a digestão, o Hitler português engulirá de um só trago uma pílula de estriçnina: o sr. Agostinho de Campos.



Não terá tamanha sorte, evidentemente, o sr. Lino Neto. Basta-lhe a circunstância de ser de Mação para que

outra carne, será transformado em pingue, sem consideração alguma pelos pingues ordenados que recebe. O sr.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 64 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 310

N.º 323

— O seu patrão está?
— Não senhor.
— A que horas poderei encontrá-lo?
— Não sei. Quando o meu amo diz que não está em casa, ninguém pode saber a que horas êle voltará.

Remetente: Delfim de Freitas.

N.º 324

Dizia um crítico:
— Até que ponto chega a vaidade das mulheres! Conheço uma que casou com um preito, só por lhe dizerem que a côr preta lhe ficava bem!...

Remetente: Alick.

N.º 325

Tendo casado o Felisberto com uma mulher muito mais gorda do que feia e muitíssimo mais feia do que gorda, perguntou-lhe um amigo as razões de tal enlace.

— O' menino! Eu comprei aquilo a pêso, como a prata velha; quanto ao feitio toi de graça.

Remetente: Tadinho.

N.º 326

Um dia, tendo um prégador de fama sido convidado a prégear um sermão numa freguesia de onde, há muitos anos fôra corrido, sentiu

Juízo canino



— Vês como os homens são tão diferentes de nós?

— Tão diferentes que nós não precisamos de automóvel para ir p'ras curvas.

tal contentamento que, no dia aprazado, partiu para a função sem dizer à criada para que horas lhe devia preparar o jantar.

Ao dar conta do seu esquecimento, mandou um rapazito avisar a serva de que não arranjasse o frango antes das duas horas.

Quando voltou, já o padre perorava do púlpito abaixo, e, numa pausa, o rapaz aproveitou-a, para dizer em voz alta:

— O' sr. abade, a criada manda dizer que não se demore, porque o calor do forno é tanto que o frango já está a queimar-se.

Remetente: Ferrabraz.

N.º 327

Madame X., duma avareza sem limites, resolve dar uma recepção. Muita gente — e um belo chá, licores, refrescos, tudo em quantidade...

E madame X., a ser amável:
— Então, sr. Costa, um terceiro pastel; madame Silva, uma quarta taça de champagne; mademoiselle Lima, um décimo bon-bon... sr. Lucas, um sexto cálice de Kummel.

Remetente: Ribeirinho.

N.º 328

No tribunal:
— Então, grita o Juiz, você atreve-se a negar o crime, que foi presenciado por 16 testemunhas?
— Senhor Juiz, se houve 16 pessoas que viram, eu posso apresentar mais de 16:000 que não viram...

Remetente: Lérias.

N.º 329

Entre mãe e filho:
— Mamã, mamã, olhe que o Chiquinho deu-me uma bofetada.
— E tu que fazes, que lhe não dás outra em paga?...

— Isso já eu fiz... mas foi antes d'êle.

Remetente: Zabumba.

N.º 330

O Serapião, que não é sovina mas embirra muito com os pobres, foi abordado outro dia na rua por um cavalheiro, d'êstes que falam baixo, e lhe pediu uns vinténs para ajudar a enterrar um pobre.

Rapidamente o Serapião rapa da carteira e, tirando uma nota de 500\$00, diz:

— Tome lá esta nota, e enterre-os todos duma vez.

Remetente: Zé Cagancho.

N.º 331

Entre pároco e paroquiano:
— Manuel, é preciso que tomes a bula, sem a qual não podes fazer uso de carne durante a quaresma.

— O' senhor abade, e com a bula posso comê-la?

— Podes.

— Então dê-me duas, se faz favor.

— Não precisas de duas, homem, basta uma!...

— Bem, então deixe cá ver uma e fará o

favor de me dizer onde é que eu hei-de ir comer a carne.

— Essa não está má!... Hás-de comê-la em tua casa!

— Há, sim!?... Para eu comer o que é meu ainda por cima hei-de pagar ao senhor abade?... Pensei que poderia ir comê-la em sua casa ou noutras. Ora fique-se lá com a bula, senhor abade, que daí abaixo não caio eu!...

Remetente: Nalcefânir.

N.º 332

Dois garotos andavam à pancada no meio da rua. Um sacerdote que ia a passar separa-os e diz:

— O' Joaquim, tu não sabes que quando esbofetearam Jesus Cristo numa face, êle ofereceu a outra?

— Sei, sim, senhor! Mas como êle me deu um sóco no nariz, e eu não tenho outro...

Remetente: A. H. da Silva.

N. da R. — De futuro, não se aceitam originaes para esta secção, desde que tragam umas poucas de anedotas juntas. Devem escrever cada uma em seu papel, para evitar más escolhas.

Igualmente prevenimos os nossos concorrentes que não serão aceites trabalhos muito extensos e que nos obriguem a grandes correcções, de forma a ficarem publicáveis. Limitem-se, pois, a escrever pouco e bem, que é melhor para todos.

No escritório



— O senhor é um homem sem carácter nem vergonha. Isto não são horas de entrar no escritório.

— Perdão, sr. Fuigêncio. Eu não sabia que o senhor tinha vindo hoje mais cedo. Para outra vez terei mais cuidado.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 17

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

22 DE JULHO DE 1933

Decifrações do n.º 15 — 1) Língua, 2) Cu, 3) Melãoia, 4) Craveira, 5) Vilontra, 6) Arreberto, 7) Boisa, 8) Naviu, 9) Serimona, 10) Repodia, 11) Cãoserva, 12) Cuberta, 13) Noitada, noida; 14) Senhora, sera, 16) Comilono, colono; 15) Valente, vate, 17) Macedo de Cavaleiros, 18) Fornos de Algodres, 19) Descavelado, 20) Cumsentimento, 21) Nem tudo que luz é ouro.

Decifradores — Rei do Orco, 20; Otopavlis, 29; Horaciano, 19; Reirobi, 18; Otter, 17; Zé Barão, 15; Rutra Luar, 13; Dília Galo, 13; Só Darco, 13; Lérias, 13; Seria, 11; Feirante, 10; Nelson Coimbra, 7; Ferrabraz, 1.

Enigma em verso

(Ao meu amigo Rei do Orco)

(1)
Dizia o mestre na escola:
— «Vá meninos, ôlho alerta!
Quero ver qual é a cachola
Que está hoje mais esperta.

Vamos lá; digam comigo:
Um P e um E, faz PE...
A terceira não vos digo,
Quero que digam qual é.

Este PE não fica só...
Além da tercia seguir,
Um I, um D e um O,
Para a palavra surgir.

Esta palavra em questão,
Nasce em PE e finda em IDO...
Qual de vós dos que aqui 'stão,
Tem o termo definido?"

Eu que era o mais sabichão,
Respondi num tom formal:
— «O' Senhor Mestre Simão,
Esse termo, cheira mal!..»

Diz-me o mestre: — «O' seu alvar!
Fora da escola compadre!!!
E não me quis escutar,
Nem a *rogo* do Deus Padre!

Olegna.

Charada em verso

(Agradecendo e retribuindo a Edipo)

(2)
Se calhar você não *nota* — 1
O ardil desta charada
Que eu ao fazê-la dei bota,
E a *nota* saiu furada — 1.

Porém, *nota* num momento, — 1
Bem como outros charadistas,
Que sou um pobre elemento,
Neste *grupo* de edipistas.

Bisnau.

Novíssimas

(3)
Duas vezes o homem *estima* a sua
terra. — 1, 2.

Rutra Luar.

(4)
Sou a *favor* de quem *olha* por um
infeliz. — 1, 1.

Otopavlis.

(5)
Sempre que *revolvo* a *terra* do *Bernardo*
êle me pede que lhe faça *doação*
desta *parte da Africa*. — 2-1-1.

Dília Galo.

(6)
No *Carmo* há um *refeitório* que se
assemelha a um *bazar*. — 1, 2.

Busina.

(7)
O *único* vestido que minha *irmã*
possui, foi confeccionado em *sete dias*.
— 1, 2.

Seria.

(8)
Quem tem muito *dinheiro* é *abastado*;
por isso, pode comer *ave*. — 2-2.

Nau-Nau.

(9)
Saiba V. Ex.^a que eu *procuo* na
estrada a *ave*. — 2, 2.

Sepol.

Combinada

(10)
+ to = Saíndo da *brenha*
+ pa = Ao *jôgo* não falha,
+ to = Sempre em *movimento*
+ pa = Fora da *muralha*.

Otopavlis.

Sincopadas

(11)
3 — A *planta ornamental*, dá-se bem
no *recipiente*. — 2.

Nau-Nau.

(Ao charadista Olegna)

(12)
3 — Que *processo* adopta você para
arranjar *dinheiro*? — 2.

Busina.

(13)
3 — A' *entrada do bosque* havia
grande *animação*! — 2.

Vitranhadalsa.

Maçadas geográficas

(Ao dignissimo confrade Olegna)

(14)
Formar o nome duma terra portu-
guesa, com as letras da seguinte frase:

AQUI OS DESEJO PARA...

Horaciano.

(15)
O CALINO VIVE MAL; A FADA?

Horaciano.

Enigmas tipográficos

(6 letras)

(16)
B

Horaciano.

(10 letras)

(17)
XA
DA DA
DA
DA DA

Sepol.

Provérbio a adivinhar

(Agradecendo a Setigaita)

(18)
O Sebastião Grazina
E o Aniceto Ramalho,
São, numa certa oficina,
Companheiros de trabalho.

O Ramalho é cumpridor,
Muito activo e dedicado
O Grazina é um falador,
Preguiçoso e relaxado.

Mas o Grazina é estimado,
Bem pago, amimado, em suma
E o Ramalho é desprezado,
Pois não lhe ligam nenhuma!

E vive desconsolado
E muita vez esmorece!
E' bem certo êste ditado:

.....

Busina.

NÃO HÁ MULHERES FEIAS. HÁ MULHERES MAL VESTIDAS

O TOUCADOR

TUDO O QUE HÁ DE ANTO ESTÁ BOM VESTIDO OU NÃO VESTIDO OU VICE-VERSA

Sentado mais do que preciso a cabeceira do tálamo
E QUEM DISSER O CONTRÁRIO É MUDO DE NASCENÇA

Sai aos sábados e não entra, se não a altas horas

Director: SUSPENSO TEMPORARIAMENTE

PREÇO: muito menor do que o custo de uma ondulação

Editorial

Atribui-se mal e porcamente a Catarina de Medicis a célebre frase que há de ficar eterna: *O meu reino por um vestido!*

A história tem destes erros inconcessáveis, narigudos e um tanto ou quanto contraproducentes.

Catarina de Medicis foi como se sabe — e quem desminta tem que se bater conosco — a esposa primogénita do grande Alexandre, não o das Thermopilas, mas sim o Alexandre de Medicis.

Pois esta mulherzinha que há de ficar tão célebre na história universal como a Maria das Medalhas ou a mulher-homem da farmácia do Bolhão, não disse precisamente o que lhe atribuem acima, mas simplesmente esta frase: *Um bom vestido é o meu reino.*

E não somos nós quem poremos em dúvida este axioma fecundo porque a nossa história pátria também regista factos desta natureza. Foi assim que D. Filipa de Gusmão, quando teve conhecimento da conspiração de 1640, soltou este desabafo que foi muito escutado:

Mais vale andar vestida uma hora do que nua toda a vida!...

Abençoados tempos esses em que o nudismo ainda não tinha dado cabo da cabeça de nenhum jornalista, nem um cavalheiro da Foz tinha a mania de estragar chapas fotográficas!

E não é certo também que D. Filipa de Vilhena (as Filipas nesse tempo eram levadas do diabo) vestiu os seus filhos de menor idade?

E para quê, senhores? Para quê, pergunta-se? E responde-se... para que eles tivessem onde meter o dinheiro para o eléctrico!...

Abençoada previsão de mãe amantíssima! Extraordinário acto de filantropia colectiva!...



— Para seres verdadeiramente elegante, não debes pesar mais de 20 quilos.

— Ah! Então toma conta deste colar, que custou 30 contos!...

Vestir! Vestir e vestir bem! Eis o ciclo que prende e subjuga, que cerceia e carrila toda a humanidade!...

Pois é do vestir que vamos tratar por aí abaixo.

Dispam-se V. Ex.^{as} de preconceitos e ouçam a voz de quem de direito.

A moda feminina

Este ano a moda é toda de ponto em branco. Pinta-se a fachada de branco, o telhado de branco, o rés-do-chão e o prédio todo de branco. Em compensação, as peças interiores devem contrastar o mais possível, incluindo o respeitável esqueleto, que quanto mais iodado melhor. Usam-se as ancas muito salientes e o *chassis* pronunciado, tal e qual os carros modernos que teem uma saliência nas trazeiras. Ao mesmo tempo é conveniente fazer a guerra ao pêlo sem dado nem piado. Porque a verdade é esta: o pêlo hoje não se usa; quando muito, só pêlo sim, pêlo não!...

As roupas e os tecidos

Continuam a usar-se os papagaios. São sempre necessários numa casa onde haja mulheres. Este ano, porém, usam-se com penas e tudo. E' melhor, mais quente e depois em casa sempre se pode dizer ao dar o gritinho da praxe: *Ai! Tenho pena do meu pobre papagaio.*

Quanto às combinações continuam a fazer-se o mais escondidamente possível. Uma combinação à vista de toda a gente deixa de ter graça, e pode ter conseqüências funestas.

Os *gêmeos* também se devem mandar executar com o máximo cuidado. A gente bem sabe que eles susteem de qualquer forma, porque os *sustenedos* por eles não caem por mais que abaixo: descaem apenas.

Sobre os *chapéus*, nada diremos neste número a não ser que se usam como até aqui: sempre por cima dos piolhos.

Produtos de Beleza

A-pesar-do que acima dizemos continua a usar-se o Kurnol. Esconde melhor o olho e dá-lhe mais elegância.

Para as unhas o melhor verniz é o de boneca, e para os calos ainda se não inventou nada melhor do que uns sapatos largos.

Para os dentes o pó de carvão dá um resultado excelente, e o melhor carvão é o de S. Pedro da Cova. Isto é uma verdade incontestável que o sr. Afonso Mendes atira aos quatro ventos.

Usam-se muito agora os lábios gretados. E' chiquíssimo. E para abrir gretas há um aparelho apropriado cujo nome nos não recorda bem, mas que se consegue saber com um bocadinho de trabalho.

Podem V. Ex.^{as} crer no que afirmamos, porque a MARIA RITA sabe disto. Até já lhe chamam por aí a *madame* Campos... Monteiro!...

Para Pintar Usos variados

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Uma entrevista oportuna

Atarefados, de *Kodak* carregado para o primeiro assalto, (que melhor *Kodak* poderíamos nós desejar que o lápis irreverente do nosso Cruz Caldas), fomos direitos ao fim, sem uma hesitação, sem uma *dérrapage* naquilo que desejávamos saber:

— Parabéns, Sr. Rocha Brito!... Já vimos o novo modelo dos seus automóveis e francamente, gostamos a valer. Ele, muito atarefado, respondeu-nos:

— Ai sim? Gostaram? (berrando para o fundo do *Stand*) ó Sênos, já foste ao Sousa Cruz por causa daquelas letras? (falando para nós) São admiráveis, não acham?

Pneus *super-confort*, molas *super-confort*, almofadas *super-confort*, *carrosserie hiper-super-confort*, motor *super-hiper-super-confort*...

E... meus amigos! Se soubessem o trabalho que tive para trazer para o Pôrto os carros que aí veem. E' que todos os queriam.

— Claro, atalhamos. Cada um puxa a brasa para a sua sardinha.

— Para a sua sardinha? (berrando novamente para o fundo do *Stand*) O' Sardinha! Não te esqueças daquilo que te pedi! (outra vez, voltado para nós) Pois, meus senhores! Ando moidíssimo. Derreadíssimo! Tenho vendido tantos carros estes dias que, quando vejo entrar agora um novo cliente para o *Stand*, a minha vontade era esganá-lo, trincá-lo, mandá-lo lá para os arredores de Braga! (olhando para a porta, onde acabam de aparecer dois cavalheiros *chics*, com cara de quem deseja comprar um automóvel). Com licença! Até já!

(Dirigindo-se aos recém-chegados)
— Ah! Mas que prazer! Com que então, vai um carrinho, sim?

Dr. Knox.

Novos artigos do Código da Estrada:

Nenhuma viatura automóvel pode transitar na via pública sem ser pelo chão, ou seja o leito da estrada, as valetas da mesma, os passeios, as ombreiras das portas, as costas de algum cidadão pacífico, etc., etc.

A ultrapassagem de qualquer veículo deverá ser feita apenas pela esquerda, por cima ou por baixo. Nunca pela direita.

Carro que seja ultrapassado por cima contra sua vontade terá direito a uma indemnização por abuso de confiança, principalmente se no carro



CANDIDO MOTA
O Senhor do Bom Despacho

ultrapassado forem senhoras menores ou manebos pertencentes a algum grupo adueiro.

E' expressamente proibido abandonar na rua um automóvel como quem abandona uma criança à porta da *Roda*, sem ao menos pôr num dos vidros um letreiro com os seguintes dizeres: «Oferece-se esta pequena lembrança ao primeiro que o encontrar».

A velocidade máxima permitida na estrada é aquela que o carro puder dar, acrescida de 20 % nas descidas e mais 10 % sobre os 20 % quando se despenhar por alguma ravina.

Todo o condutor é obrigado a parar imediatamente quando lhe apareça pela frente, qualquer autoridade devidamente fardada ou uma parede de metro e meio de espessura.

O condutor é obrigado a reparar nos sinais que lhe fizer o sinaleiro ou naqueles, às vezes ainda mais luminosos, de certas meninas suas conhecidas.

Responsabilidade civil e criminal:

Em qualquer atropelamento por automóvel, se se provar que o condutor não teve culpa

nenhuma, terá êste apenas, que pagar uma indemnização de 200 contos à família do morto, fazer-lhe um enterro de primeira com meninos do côro e tudo, e construir um bairro higiénico para os seus parentes afastados, dando-lhe o nome do extinto. Se se provar que o condutor teve culpa, será julgado em conselho sumário e condenado a morrer debaixo de uma camionete.

◆◆◆

Divisões dos automóveis segundo o seu preço, características, etc.:

Há carros:

- De quem quer e não pode.
- De quem pode e não quer.
- De quem pode.
- De quem quer.
- De que não pode.

Carros de quem quer e não pode — São todos aqueles carrinhos a fingirem automóveis e que algumas vezes, por engano, chegam a passar por baixo das pernas dos sinaleiros.

Carros de quem pode e não quer — São alguns carros velhos e reumáticos que andam aí pela cidade e que pertencem a pessoas cheias de *massa*, que bem podiam comprar coisa melhor.

Carros de quem pode — São os bons carros que todos os dias encontramos pelas ruas: os *Cryslers*, os *Plymouths*, os *Opels*, etc., etc.

Carros de quem quer — São aqueles que desejariam ter as muitas pessoas que nem para comprar uma bicicleta avezam.

Carros de quem não pode — São aqueles que se não pagam, mas que se não conhece por fora.

◆◆◆

Alguns dos aforismos usados em todo o mundo, desde que o "Opel" construiu os seus novos modelos:

Quem corre por gôsto, não cansa. Mas quem corre num Opel, descansa.

Devagar se vai ao longe? Sim, num carro vulgar. Mas sendo num Opel, de-prensa se vai ao longe.

Mais vale comprar um Opel tarde, que nunca.

◆◆◆

Uma pergunta

Sabes qual é o grande, o inconfundível tratamento para as doenças de fígado, tratamento melhor que Gerez ou Caldelas? E' um *Opel*, porque andar nêle é *desopelar*.

Dr. Knox.

O novo OPEL --- o carro preferido pela "elite,,

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

A mulher p'ra ser bonita
Deve ter um predicado:
Ser muda de pequenita
Perna côxa e pé pró lado.

recebemos as seguintes quadras:

A mulher p'ra ser bonita
Pinta-se até às orelhas
E rapa — coisa exquísita —
Sovacos e sobranceiras.

Estoira-Vergas.

A mulher p'ra ser bonita
— Um verdadeiro amorzinho —
Deve ser mui morenita
E ter no rosto um sinalzinho.

Oidil.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ser gorda, anafada;
Tal qual a MARIA RITA,
Frescalhota e perfumada.

Zangorlipanfas.

A mulher p'ra ser bonita
Uma autêntica beldade!
Deve ser lóura, magrita,
Pintar a cara-metade.

Horácio Ferreira.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ter p'ra de bode
E como tu MARIA RITA
Nas ventas um bom bigode.

Lizé.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ser rica e pintada...
Sendo assim já é catita!...
Embora não valha nada...

Zeus

A mulher p'ra ser bonita
Deve, as mãos no chão, usar
E, ainda, ter a dita
De, como os burros, zurrar.

S. D.

A mulher p'ra ser bonita
E poder ser minha amante
Há de ter «massa» infinita
E a «tromba» de elefante.

Só Darco.

A mulher p'ra ser bonita
Deve igualar a candura,
Elegância e escultura,
Da nossa MARIA RITA.

Nalcefanir.

A mulher p'ra ser bonita,
Tôda se pinta e prepara;
Antes vestisse de chita
E lavasse bem a cara!...

Amaral.

A mulher p'ra ser bonita
Tal e qual uma «faiança»,
Deve como a MARIA RITA
Parecer um «Sancho Pança».

R. L.

A mulher p'ra ser bonita
(Se fôr feia nada logra)
Deve apresentar mui catita,
A seu marido, uma sogra.

R. L.

A mulher p'ra ser bonita
Gasta carmim e baton.
E quando não chega à «guita»
Põe o corpinho em leilão.

R. L.

A mulher p'ra ser bonita
P'ra ser bem uma mulher,
Tem de ter um bigodinho
Como um menino qualquer

Pôrto.

Filaucias.

A mulher p'ra ser bonita
Deve ser gordinha e forte;
Chamar-se MARIA RITA,
Ter tesoura de bom corte.

(Seia).

Caura.

E agora toca a glosar esta:

.....
.....
.....
Rua abaixo, rua cima.

A quadra mais engraçada é a firmada por Farináceo.

Não podemos, porém, entregar-lhe o prêmio em virtude de ser em rima solta.

“Foot-ball”... por música...

Eh!... gargantas!...

Realizou-se finalmente no Domingo passado o sensacional desafio de pedibola entre as primeiras categorias das claves de Fã e Sol, do Orfeão Lusitano.

O desafio teve lugar no Campo do Bessa que, mercê da fama de que os jogadores vinham precedidos, registou uma enchente colossálissima nela predominando o elemento feminino que calorosamente aplaudiu os simpáticos jogadores da clave de Sol, prejudicando assim até certo modo os componentes da equipe da clave de Fã.

A parte esta pequena contrariedade os grupos não desmereceram da fama com que vinham precedidos.

Sem querermos colocar nenhum na sombra, destacaremos no entanto os seguintes:

Na clave de Fã

Araújo — O grande, o colossalíssimo guardarrêdes que apenas consentiu, e a pedido, que as suas balizas fôsem furadas quatro vezes, tendo «mergulhado» (estilo Paris) de tôdas elas. As suas frequentes deslocações a Paris muito tem contribuído para a «perfumance» com que actua nas suas magistrais defesas.

Humberto (O Lindinho) — Grande ponta direita, uma verdadeira revelação, foi sem dúvida o melhor homem em campo. Pena foi que no team contrário a «escuridão» fôsse por vezes tão grande que este jogador, não obstante usar «lorgnon» só via a bola cinco minutos depois de ter passado por ela.

Miranda (Fakcioso) — Simples e formidável. A êle e quasi só a êle se deve o resultado obtido. Foi o *recordinman* dos goals para o que muito deve ter contribuído o regímen que há muito vem fazendo. Este jogador não toma café e gosta muito do pêssego de Amaranite.

Estêves (cai na água) — Lídimio representante do foot-ball carioca, actuou assombrosamente tendo por êsse motivo sido convidado a substituir o Pinga, no F. C. P. logo que regresses da sua viagem a Hamburgo.

Lago — Não foi um lago, mas sim um caudal de bom jôgo.

Clave de Sol

Vaz — O grande avançado centro, jogador que se fez no *Cuca Foot-Ball* por onde tem jogado sempre, foi um dos melhores do seu

grupo; resentiu-se, porém com as botas pois sempre tem jogado de sapatos de *Chevreaux*.

Escurinho — Um dos grandes azes que muito contribuiu para o resultado final, mercê da sombra que fazia aos adversários que dêle ousavam aproximar-se.

Rodolfo — Um quasi nada «valentino» foi explêndido; sempre que olhava a bola com a biqueira da bota, driblava com a vista a assistência feminina.

Pereirinha — Um verdadeiro Az com o seu jôgo estilo asturiano; marcou.

O resultado foi de 4 a 4 havendo portanto um empate que se não sabe ainda se será homologado pela Federação, visto ter havido um protesto durante a segunda parte do jôgo, o que originou o abandono do campo por parte de Rodolfo; êste jogador depois de muito instado e prestes a receber uma delegação da assistência feminina que para tal fim o procurou, acedeu em voltar.

A assistência no geral portou-se bem.

O serviço de policiamento foi impecável. Pena foi que as bilheteiras tivessem vendido bilhetes a mais, pois muitos dos espectadores tiveram de ficar de pé.

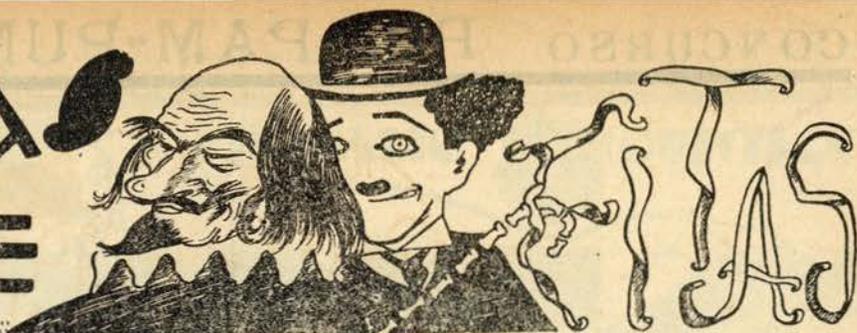
O desempatê terá possivelmente lugar num dos próximos domingos e realizar-se-á em Buarcos ou Mafamude.

MARIA RITA agradece tôdas as facilidades concedidas ao seu repórter para o desempenho da sua missão.

P. S. — A reportagem gráfica feita por o amador internacional Arnaldo Garcia foi felicíssima.

PEÇAS E

de Figueiredo



OITAVA PEÇA DO CONCURSO

FAUSTO

Opera lírica sem música nem lirismo mas em compensação convencida de que tem muita piada

PERSONAGENS { Fausto um senhor feio que se torna bonito por artes de berliques e berloques
Mefistófeles um diabo chavelhudo, como todos os diabos e com a presunção de que dá gargalhadas fonogénicas
Margarida uma virgem século XX cheia daquela ingenuidade que engana todos menos nós que somos de Olhão...
Marta uma sogra em tirocínio

PRIMEIRO ACTO

FAUSTO (*mirando-se no espelho do guarda-fato*) — Palavra que nunca vi feições mais estúpida e irritantemente feias! Sou o protótipo do «canastrão». (*Num suspiro*) Ai quem me dera ser como o Manuel Oliveira da Tobis!

MEFISTÓFELES (*aparecendo por artes mágicas*) — Depende de ti o tornares-te bonito...
FAUSTO (*cheio de coragem mas de baixo da cama*) — Quem é você?

MEFISTÓFELES — O quê, nem pelos chavelhos me conheces? Sou o Diabo.

FAUSTO — E que pretende de mim?

MEFISTÓFELES — Tornar-te um D. Juan, um Casanova, um Ramon Novarro, enfim dar polimento à tua indecente «fachada».

FAUSTO (*entusiasmado*) — E o que é preciso fazer para tal conseguir?

MEFISTÓFELES (*mefistofêlicamente*) — Dares-me a tua alma.

FAUSTO (*agarrando na alma*) — Tome lá e não se fala mais nisso.

MEFISTÓFELES (*dando a gargalhada da ópera*) — Eh! Ah! Ah! Oh!

(*O pano tapa-lhe a boca*)

SEGUNDO ACTO

Fausto à porta do Rivoli assiste ao desfile das beldades que saem. Mefistófeles, ao pé, faz de pau de cabeleira e assobia o Cochicho para se distrair.

MARGARIDA (*saindo e esbarrando com Fausto*) — Eh, sua bêsta!

FAUSTO (*calcado mas galante*) — Nem todos podem ser tão delicados como você.

MARGARIDA (*subjugada*) — Mas que homem tão bonito!

FAUSTO — Se você quisesse...

MARGARIDA — Eu queria mas a mamã...

FAUSTO — Ora, se a mamã não tivesse já feito o que não deixa fazer, você não queria agora fazer aquilo que ela já fez.

MARGARIDA — Isso trocado em miúdos quero dizer que...

FAUSTO (*dando-lhe uma pancadinha na «pança»*) — Ainda o perguntas, ó salsa?

MEFISTÓFELES — Eh! Ah! Ah! Oh!

(*O pano tapa-lhe outra vez a boca mas já de mau modo*)

TERCEIRO ACTO

No escritório de Mefistófeles. Este está sentado à secretária muito entretido a afiar um lápis no chavelho direito quando Fausto entra com os olhos em pé e os cabelos fora das órbitas.

FAUSTO — Sr. Mefistófeles, estou engravado!

MEFISTÓFELES — Dobra a língua e diz tramado que isto aqui não é a Ribeira.

FAUSTO — A Margarida é menor e a mãe quer obrigar-me a casar.

MEFISTÓFELES (*erguendo-se num impeto e apontando a cabeça*) — Quem fala aqui em casar? Por ter caído nessa asneira é que eu estou assim... quasi careca.

FAUSTO — Mas que hei de fazer então?

MEFISTÓFELES — Manda a mãe passear e continua a cavalgar... pela estrada do destino, que eu cá estou.

FAUSTO (*batendo-lhe nos paus*) — Obrigado pelo conselho, ó velhinho.

(*Mefistófeles vai soltar outra vez uma gargalhada mas o pano que já estava a espera disso corre muito de pressa.*)

QUARTO ACTO

Fausto encontra-se com Margarida no Jardim da Fôrca (*lagarto, lagarto*).

MARGARIDA — Tenho que te falar.

FAUSTO — E' caso de gravidade?

MARGARIDA — Não, é de gravidez.

FAUSTO (*conselheiro*) — Vocês não teem juízo, metem-se em cavalarias altas e depois queixam-se.

MARGARIDA — Perdão, se alguém se meteu em cavalarias não fui eu...

MARTA (*surgindo detrás duma árvore*) — Foi você, seu desavergonhado, seu indecente, seu homem de vida fácil!

FAUSTO — Valha-me Belzebut se não apanho algum pontapé no... sim senhor.

MARTA — Há de casar com a minha filha ou meto-te os tamos dentro!

MARGARIDA (*fazendo córo*) — Se não deres um nome ao ser que tenho nas entranhas, obrigado-te a ter um filho póstumo!

FAUSTO (*engravadíssimo ao ver que se juntam mirones*) — Quem me dera voltar a ser feio.

(*Palavras não são ditas, surge Mefistófeles a fazer-lhe passes de cara e a deitar-lhe pozes de perlim pimpim. Depois de algumas evoluções, Fausto como não podia deixar de ser, volta a apresentar a fachada de principio.*)

OS MIRONES (*una voce*) — Mas que grande coiro!

MARGARIDA — Vade retro, Satan!

MARTA — Credo, Abrenúncio, Santo Estevão!

MEFISTÓFELES (*já incomodado com o latínório*) — Ainda querem que este homem se case?

MARTA — Livra! Se eu tivesse um genro assim dava-lhe cabo do «canastro» em menos duma semana.

MARGARIDA (*entre dentes*) — Olhem se o filho era dèle? Era capaz de se parecer com o sr. Matos Sequeira...

(*Afastam-se todos a comentar o caso, menos Fausto e Mefistófeles*)

MEFISTÓFELES — Bem, já que o perigo passou vou-te fazer outra vez bonito.

FAUSTO — Não, velhinho, passa para cá a alma e deixa-me estar assim que farto de sarilhos já eu estou.

MEFISTÓFELES — Eh! Ah! Ah! Oh! Julgavas então que eu era trouxa?

FAUSTO (*arrogante*) — Se não me dá a alma vou fazer queixa ao meu pai que é... padre.

MEFISTÓFELES (*dando-lhe assustadíssimo a alma*) — Pega lá isso e põe-te a cavar depressa que com essa gente não me atrevo a meter-me. Livra!...

(*Desta vez o pano cai muito naturalmente*)

Goëte 2.º

CARTAZ DE HOJE

Rivoli: Sessões de cinema com os melhores filmes.

Trindade: Os filmes de sucesso *Vidas Intimas*.

Batalha: O grande êxito *A noiva do céu*.

A Casa Figueiredo

Da RUA 31 DE JANEIRO, 74—PORTO

Vende a prestações de 2\$50 e 5\$00 semanais com bonus, os seguintes artigos: Malinhas para senhora, carteiras e todos os artigos de viagem. Gramofones e discos.



Nome.....

Pontos.....

Morada.....

(Cortar por aqui)

No próximo número damos a lista dos pontos obtidos por cada concorrente referente à primeira semana.

Quem quiser concorrer, não tem mais que marcar na gravura acima, oito dos 21 bonecos publicados. A marcação pode ser feita de qualquer forma: ou cortando ou riscando, os oito bonecos em que deseja acertar. Depois remetem a barraca para a nossa redacção até à próxima quinta-feira.

Ver condições e prémios na nossa segunda página

No próximo número, será publicada esta mesma gravura sem os cinco bonecos que tem de morrer esta semana, de acordo com o envelope lacrado correspondente à segunda, que está exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Porto. No número seguinte daremos a lista dos concorrentes e dos prémios atribuídos a cada um.

Pede-se o favor de reclamarem no caso de não estar de acordo o número de pontos atribuídos. A tudo se dará resposta, porque nos concursos da MARIA RITA impera a

Honestidade e o Escrúpulo

Segundo o plano do concurso, quem quiser começar neste número tem de remeter junto a esta a barraca da 1.ª semana sem qualquer marcação, sendo-lhe atribuídos dois pontos referentes a essa semana.